Letras de giz em caderno de ardósia

Jorge dos Reis

Se ao tocar terra em Trude não tivesse lido o nome da cidade escrito em grandes letras, pensaria que havia chegado ao mesmo aeroporto donde partira.

ITALO CALVINO

Quando conduzo estrada fora, a música é a banda sonora de uma paisagem tipográfica. invariavelmente ouço Bach ou Mahler. O vidro frontal é como uma tela onde se projectam imagens de movimento. Dos passeios pelo campo à amplitude das avenidas, numerosos registos da escrita salpicam o ecrã por onde a música, as cantatas e as oratórias de tempos recuados, vão alisando a vista e descontextualizando o carácter vernáculo da informação gráfica nas artérias das pequenas localidades. Quando se abre a pista da autoestrada, surgem os painéis *estradiísticos* compostos em *TRANSPORT* de **Margaret Calvert** e **Jock Kinner**, que nos anos sessenta, bem à frente do seu tempo criaram para o *National Road Network* do Reino Unido todo um sistema de sinalização feito de detalhe e critérios cromáticos que se mantêm em uso nos nossos dias. Estaciono o automóvel. Em casa, docemente iluminado por uma luz que se quer perfeita, a página do livro entreaberta revela agora um retrato tipográfico. Estático e imóvel. Os meus olhos são agora o móbil que cavalga velozmente pelas estreitas faixas de rodagem tendo as entrelinhas como separadores. A música, essa, continua presente. Cada colcheia no violoncelo de Mstislav Rostropovich é a contrapartida do sinal tipográfico, o elemento constitutivo e unidade contrastiva mais pequena do sistema de escrita. Com estas palavras pretendo valorizar cada uma destas situações retratadas. Elevar a qualidade do nosso olhar sobre os diferentes suportes de escrita do dia-a-dia; vencer a iliteracia *imposta* naquilo que nos é oferecido; angariar competências para que, enquanto operadores, possamos também agir tipograficamente de forma consciente e documentada. Deitar por terra, num olhar crítico feito de bom senso, os “instrumentos de imposição”, assim caracterizados por Pierre Bourdieu, para contribuir para um desmembramento daquilo que Max Weber denomina por domesticação dos dominados.

Não quero no entanto discorrer sobre tantas plataformas da leitura, e são tantas as situações. Opto por um olhar mais detalhado e informado sobre o suporte papel, enquanto base para a textualidade e para a literacia. Procuro um constatar e revalorizar da iliteracia provocada nos artefactos impressos mais vulgarizados na utilização quotidiana. Será, no fundo, a segunda metade da verdade, isto é, a iliteracia está também em causa na instância produtora do artefacto gráfico.

O design, dito comunicação gráfica, foi no passado uma locomotiva a vapor. Sem nunca ter sido uma locomotiva diesel, passou em lance de catapulta para locomotiva eléctrica de grande velocidade.

Hoje, esta máquina ferroviária é como no filme de Jean Renoir, uma besta humana que se atesta ela própria de combustível. Esta máquina eléctrica é um móbil descontrolado empurrando na sua força os designers de plasticina que se moldam perante a sua força motora.

A tipografia, enquanto existir, será essa fissura do passado que sussurra no ouvido do futuro, dizendo em pianíssimo que o excesso de emoção gráfica se coloca hoje em detrimento da racionalidade do projecto e da estrutura.

O velho tipógrafo, falido ou falecido, em processo de falência ou morte anunciada, ensaia aqui uma possível reflexão sobre as dificuldades de ser tipógrafo num tempo em que a tipografia desapareceu, num tempo de constantes transições sempre mal esclarecidas.

Assim sendo, quais são as nossas dificuldades e em que direcção colocar o nosso esforço para sermos também divulgadores.

As calendarizações e tempos apertados serão no fundo, dificuldades em quase nada diferentes das de um outrora que olhamos com nostalgia. Honorários, mecanismos de vigilância, corporativismos laborais e éticos de um conjunto de profissionais da disciplina do design que se alargam plasmando as contradições do tecido social. Que orientação inicial? Perguntam os

jovens designers, fios de água de uma catarata, num ensino que se massifica rapidamente por todo o país.

Sublinhando as dificuldades da comunidade estudantil, fica também por reflectir a complexidade do exercício público da profissão designer. Há que referir os milhares de quilómetros de papel feitos artefacto de design, concebidos à margem dos profissionais de design. Valerá a pena pensar na falta de um design mediano. Valerá a pena também parar perante a aceleração provocada pelos meios de desenho e comunicação.

As dificuldades enunciadas a jusante emergem de um contraponto entre a metáfora e a racionalidade contidas na tipografia, que todos, julgo, gostariam que não desaparecesse, esmagada e sofregada entre o discernimento do information design e as capacidades expressivas do design de novas fontes. A chave para esta mediação está na fuga às armadilhas do subjectivismo.

Numa sociedade extensiva, globalizada e surpreendentemente provinciana, aos designers é pedido que não esqueçam o paradoxo entre indústria e artesanato bem patente na tipografia gutenberguiana.

O design é hoje uma actividade assente nas tecnologias do futuro. Portugal é um país cada vez mais tecnológico e hipertextual. O epicentro desta questão está também colocado no grafismo e no design, o grafismo que interessa, o design que procura o conforto, a legibilidade e a literacia mas também e sobretudo aquele que se

preocupa com a estrutura não é de todo programável. O processo de invenção tipográfica, por muitos computadores que se inventem e utilizem é sempre artesanal porque lida com a individualidade, com a pessoalíssima visão autoral que caracteriza, ou deveria caracterizar, esta disciplina.

O design lida com múltiplos, com a industrialização dos processos reprodutivos do sector gráfico. Perante estes conceptualizados processos de resolução projectual, damos respostas que são, ou deveriam ser, únicas e singulares.

Sendo assim, tal como na falecida tipografia, o modo artesanal irrompe no processo de design. A elaboração de um projecto não encaixa numa matriz de prazos ou de orçamentos antecipados.

Um modo artesanal não constitui uma mecânica ou um encaixe de roldanas sincronizadas. Tendo isto em conta, um atelier de design acaba por ser atípico na sua difícil programação. Não é uma fábrica ou manufatura de projectos em série. Talvez por isso, a disciplina do design é tão estimulante dado que as incertezas de um território movediço deitam por terra as previsibilidades e as rotinas.

Jorge dos Reis

Professor Universitário / Tipógrafo (Faculdade de Belas Artes - Universidade de Lisboa)